

ENTRE TAPAS E BEIJOS: SOBRE A VACILAÇÃO DOS SEMBLANTES DA DIFERENÇA SEXUAL

Tania Coelho dos Santos,

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII, Professora Associada II do Programa de Pós-graduação em Teoria psicanalítica da UFRJ, Membro da Associação Mundial de Psicanálise, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise, Presidente da Associação Núcleo Sephora de Pesquisa, Pesquisadora-bolsista de produtividade em pesquisa nível 1C, Editora de aSEPHallus, Revista do Núcleo Sephora

Quem se debruça sobre as primeiras revistas femininas brasileiras fica deslumbrado com a profusão de semblantes da diferença sexual. Durante os anos 50 e 60, os papéis sexuais masculinos e femininos eram mais claramente segregados e pareciam aparelhados, logicamente, à diferença anatômica entre os sexos. A cada um, seu papel social e sexual, em conformidade com as escrituras sagradas. Levava-se muito mais a sério aquilo que nelas “estava escrito” como desígnios do destino: “Deus os criou homem e mulher”. Aconselhados por uma grafóloga, os leitores de *Lady*, primeira revista feminina publicada no Brasil, descobriam seus destinos cifrados na escrita de cada um. Um homem deveria realizar o ideal de seu gênero, cujos traços universais compreendiam ser inteligente, ativo, realizador, transformador, propulsor, orgulhoso, leal e ambicioso. Uma mulher ideal deveria ser abnegada, modesta, trabalhadora, dócil, profundamente ingênua, resignada e submissa às leis de Deus.

Ao final dos anos 60, esses semblantes vacilam. Entre 1963 e 1984, muitas mulheres brasileiras descobriram o caminho que as levou à crise do papel social feminino graças a uma conhecida coluna da revista *Cláudia*, assinada pela psicanalista Carmem da Silva, intitulada: “A arte de ser mulher”. Demonstrando uma habilidade política admirável, essa colunista soube extrair da obra de Freud argumentos poderosos contra a dupla moral sexual: em sua luta contra a “repressão da sexualidade”, abalou os direitos consolidados de homens e mulheres, respectivamente, à infidelidade conjugal e à dependência econômica. Em contrapartida, uma revolução se anuncia também no âmbito dos deveres. O homem será

deslocado da obrigação de prover sua mulher. As mulheres, por sua vez, serão incitadas a abandonar a dedicação abnegada ao outro, tornando-se “as protagonistas de sua própria vida”.

Livres das amarras dos papéis tradicionais, como é que os casais dos dias de hoje definem o semblante de seu sexo? Estariam mais perdidos e condenados a deslizar infinitamente no campo das identificações? Quando os semblantes vacilam, o que é que orienta a escolha de objeto? Precisarão suportar a pesada obrigação de deslizar de objeto em objeto, sempre à caça do mais-de-gozar? Podemos afirmar que os papéis sexuais foram completamente relativizados e, até mesmo, dissolvidos? O que mudou e o que é que se conserva na psicologia coletiva?

Como Lacan nos advertia, uma nova configuração de valores, impulsiona os indivíduos no sentido da infinitização do gozo¹. Disso resulta a castração do pai simbólico, seu valor como símbolo é relativizado, rebaixado ao nível da impotência. Jacques-Alain Miller também assegura que:

“Mesmo que Lacan tenha tentado, em seguida, ir além da tipologia dos papéis relativos ao homem e à mulher, mantém as indicações que ele deu em ‘A significação do phallus’ sobre a necessidade da comédia dos sexos, que a assunção do seu sexo não é possível sem que a comédia permaneça válida. Logo, não é diminuir essa observação dizer que se trata de papéis, pois dos papéis não podemos nos desfazer na relação entre os sexos”.²

Equivalentes ou distintos: o sintoma, o parceiro-sintoma e o sinthoma?

Há duas questões que me ocupam. Os significantes homem e mulher são semblantes da diferença anatômica entre os sexos. Somente os significantes permitem inscrevê-la no inconsciente como diferença psíquica. Em *Le Séminaire, livre, XVIII, “D’un discours qui ne serait pas du semblant”*, Lacan define a diferença sexual conforme se segue:

¹ Coelho dos Santos, T. *Quem precisa de análise hoje?* São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

² Miller, J.-A. “Une lecture du Séminaire de Jacques Lacan D’un Autre à l’autre”. Em : *La Cause Freudienne* n°. 65. Paris: Navarrin Seuil, 2007, pp. 89-29.

“A identidade de gênero não é outra coisa senão aquilo que acabo de exprimir por esses dois termos, o homem e a mulher. É claro que a questão sobre o que surge precocemente não se coloca senão a partir do fato de que, na idade adulta, o destino dos seres falantes é repartir-se em homens e mulheres. Para compreender a ênfase que é colocada sobre essas coisas, sobre essa instância, é preciso dar-se conta de que o que define o homem é sua relação com a mulher, e inversamente. Nada nos permite abstrair essas definições do homem e da mulher da experiência falante completa, até e inclusive nas instituições onde elas se exprimem, a saber, o casamento”.³

A base da diferença psicológica entre homens e mulheres é a relação de cada um ao falo, significante do gozo feminino. A posição de cada um diante do falo tem efeitos de castração para o outro. O menino, ao chegar à idade adulta, precisa “banciar o homem” e sinalizar para a menina que ele é aquele que tem. Observa-se o caráter de semblante da relação sexual. Isso é quase etológico. O que diferencia o comportamento sexual humano é o fato de que o semblante é veiculado por meio do discurso.

Todavia, quero ressaltar que, por meio do semblante, o comportamento sexual é levado em direção a alguma coisa que não é da ordem do semblante. Uma vez que o gozo sexual é impossível, o que normaliza o gozo do objeto parcial é um semblante, o significante falo. Eis aí o real: “[...] o real do gozo sexual destacado enquanto tal é o falo. Dito de outro modo, o Nome-do-Pai”.⁴

Para o homem, a mulher é a hora da verdade, pois ela pontua a equivalência entre o gozo e semblante⁵. Ninguém melhor que a mulher, enquanto ela é a prova da verdade para um homem, conhece a disjunção entre o semblante e o gozo. Somente essa prova da verdade pode dar seu devido lugar ao semblante enquanto tal. Para conhecer a verdade de um homem é preciso saber quem é sua mulher, a propósito, sua esposa. Quanto à mulher,

³ Lacan, J. *Le Séminaire, livre XVIII: D'un discours que ne serait pas du semblant* (1971). Paris: Seuil, 2006.

⁴ *Idem*, p. 34.

⁵ *Idem*, p. 35.

nunca se trata da mesma coisa, pois ela consegue dar peso a um homem mesmo que ele não tenha nenhum.

A questão sobre o que há de real no semblante desloca-se um pouco mais. Nós poderíamos perguntar, quando os semblantes vacilam, eles ainda acreditam nelas? Lacan no *Seminário 22* define a relação do homem com sua mulher conforme se segue:

“[...] uma mulher na vida de um homem, é qualquer coisa na qual ele acredita, ele crê que existe uma, algumas vezes duas, ou três, é bem aí, aliás, que é interessante, pois ele pode acreditar numa apenas. [...] Somente, a isso, à fragilidade desse crer nisso [y croire], se reduz, manifestamente, o fato da não relação sexual, tão facilmente recortado por toda parte, eu quero dizer que ele se recorta. Não resta dúvida, quem quer que venha nos apresentar um sintoma, crê nisso [y croit]”.⁶

A primeira questão é a seguinte: existirá ainda alguma psicologia, depois da *tsumani* unissex dos anos 60 e 70, que seja tipicamente masculina ou tipicamente feminina? Se ainda é possível fazer uma tipologia, quais seriam as versões contemporâneas do parceiro-sintoma? A segunda é mais complexa. Como se constitui o parceiro do ser falante? Como o outro sexuado – que causa seu desejo – se coordena ao furo que a pulsão contorna? Como se coordenam a solidão auto-erótica da relação de cada um com o falo e a tragicomédia da parceria amorosa?

Ninguém melhor que Lacan definiu a estrutura do mal-entendido entre os sexos, uma mulher é para um homem um *sinthoma* da não-equivalência entre os sexos. Um homem é para uma mulher, pior que um sintoma, uma aflição. Paradoxalmente, Lacan assegura que haverá relação sexual, justamente, quando não há equivalência entre os sexos. Miller esclarece que quando não há relação sexual, há sentido, \$, isto é sujeito dividido⁷. O sentido, como ele avança, é o encontro contingente.

⁶ Lacan, J. *Le Séminaire, livre XXII: R.S.I.* (1974-1975). Inédito, aula de 21 de janeiro de 1975.

⁷ Miller, J.-A. *El partenaire-sintoma* (1997-1998). Buenos Aires: Paidós, 2008, p. 7.

Desde que a revolução sexual conduziu ao ideal de equivalência entre os sexos – nor[mâle]zando⁸ o gozo – haveria ainda menos “relação sexual” que outrora? O exemplo clássico do mal-estar na relação entre os sexos é o casamento da histérica com o neurótico obsessivo. Ela desvela a castração do mestre; posição subjetiva que a conduz à insatisfação quanto ao gozo. Não negocia, não faz tratados com o outro ou, os rasga ao seu bel-prazer. Corta curto, não paga dívidas, não respeita as cerimônias, os véus, e os contornos que velariam a impotência do semblante. Ele, por sua vez recusa-se a ser o mestre, pois reluta em sacrificar a vida para encarnar o semblante. Ele duvida, não sabe se tem ou não tem, se quer ou não quer. Para ela, nada é o suficiente, sempre falta. Ela rejeita ser tomada pelo objeto do desejo. Ele se recusa a encarnar aquele que tem o falo. Os sintomas neuróticos servem para garantir a distância do sujeito com relação ao gozo.

Pode-se dizer que “a relação sexual existe” quando o falo preside o enredo de mal-entendidos conjugais. A queda da dupla moral sexual produziu formas ainda mais veladas do velho mal-estar? Para avançar minha questão, começo enumerando alguns fragmentos de casos clínicos. Procurei destacar as formas exemplares do mal-estar contemporâneo na relação entre os sexos. O fio que conduz minha exposição é o da vacilação dos semblantes da diferença sexual. Procuro indícios, caso a caso, de sua permanência, de sua precariedade e, quem sabe até, de sua substituição por versões mais atualizadas. Que semblantes dão corpo à virilidade e à feminilidade hoje? Como se efetuam as parcerias amorosas? Como é que se faz com o resto da relação solitária de cada um com o falo? A produção de um *sinthoma* se insinua nesse campo como *saber fazer* com a pulsão?

Easy Riders: procura-se um objeto não identificado

Geralmente, quando um homem procura uma análise, está embaraçado por causa de uma mulher. Algumas vezes, queixam-se de alguma insuficiência na vida profissional. Estão aí os dois eixos constituintes da posição viril, destacados por Lacan: é preciso “bancar o homem” e crer ao menos em uma mulher. O declínio da dupla moral sexual, que prevaleceu até o final dos anos 60, torna mais difícil a posição sexual? A maioria deles declara que uma mulher deve ser independente. Quando um homem decide-se por encarnar o papel de

⁸ O trocadilho *normâle* diz respeito à norma masculina.

provedor, prefere mulheres mais dependentes emocionalmente e economicamente. Esses homens estabilizam com mais facilidade uma parceria amorosa e não se perguntam muito sobre qual é a mulher que desperta seu desejo. Por outro lado, quando um homem se recusa a encarnar o semblante de provedor, tem mais dificuldade em perseverar em uma escolha amorosa.

A dupla moral sexual coordena-se à clássica divisão masculina entre a mulher virtuosa e a de má-reputação. Hoje vejo crescer a expectativa de encontrar uma mulher-síntese capaz de desempenhar, igualmente bem, todos os papéis. As duas primeiras vinhetas se referem a homens desse tipo. Não se fixam ao objeto amoroso, são instáveis na vida profissional e se recusam a encarnar o semblante convencional de provedor.

Maurício teve uma namorada desde a adolescência. Ela era perfeita. Bonita, inteligente, e tão logo terminou a faculdade, empregou-se e ganhava bem. Tornou-se independente. “Sexualmente, ela não era lá essas coisas”, ele me diz. Não faz comparações entre o sucesso da ex-namorada e suas dificuldades na vida profissional. Ele entra em análise e parte em busca da mulher que reuniria sensualidade, beleza e inteligência. Seus numerosos “encontros” são marcados por descobertas efusivas. Terminam com o gosto amargo do mesmo desencontro. “As mais bonitas, ele me explica, não são muito boas de cama. As mais gostosas, por sua vez, não são tão inteligentes quanto ele gostaria. E, finalmente, as mulheres inteligentes, geralmente, não são as mais bonitas”. Em seu arranjo sintomático, sempre falta a elas alguma coisa imprescindível. Quanto a si próprio, jamais se pergunta se está à altura de encarnar para elas o semblante daquilo que faltaria a elas.

Antônio João considera-se um impostor. Apresenta-se como um grande provedor. Secretamente, sente-se muito atraído por mulheres independentes, que ganham a própria vida. Não resiste, entretanto, à tentação de desmascarar esse pseudo-semblante em uma mulher, revelando o verdadeiro desejo dela: ser apenas o “objeto do amor do homem”. Quando obtém, não sem algum esforço, a prova de que “ela não tem”, perde o interesse: “Eu as deixo arruinadas e as abandono quando não têm mais nada. Bonitas, sexys ou inteligentes, tanto faz, são sempre um embuste, um engano, uma impostura”. Descrente, afirma que todo semblante não passa de uma impostura. Nada é real! Embora se sirva do

semblante de provedor para abordar, seduzir e conquistar uma mulher não consegue “banciar o homem” por muito tempo.

As vinhetas seguintes tratam de homens que estabilizaram com mais facilidade uma parceria amorosa e que experimentam a vacilação do semblante sob a forma da insegurança e da insatisfação profissional.

Marcos é filho de pais separados. Diferentemente de seus pais, ele é um homem bastante convencional. Acabou de separar-se de um casamento de papéis segregados. Ela cuida dos filhos. Ele provê a família. Vivia contente com ela, inclusive, sexualmente. Não admite que esperava, talvez, liberar-se da dependência de sua esposa. Ao contrário, mostra-se muito exigente e preocupado com sua performance profissional: “Eu não me importo que ela não trabalhe. Gosto de ter alguém para cuidar da casa e dos meus filhos. O problema, é que ela se mostra fria e parece que perdeu o interesse sexual”. Sem a prova da verdade da conjunção entre o semblante e o falo, fica desorientado, perplexo, confuso, e se separa.

Leonardo vem me procurar dizendo que não se dedica à carreira em conformidade com sua grande ambição. Sonha com uma situação financeira muito boa, mas acha que é acomodado e “não corre atrás”. Segundo sua mãe, ele estava sempre na média. Está casado a alguns anos. Sua mulher trabalha, mas gasta muito mais do que ganha. Ele declara: “Na verdade, é melhor que ela não leve muito a sério sua carreira. Posso ser convidado para ocupar um cargo melhor ou desempenhar uma função mais bem remunerada noutro estado e quero que ela me acompanhe.” Sintomaticamente, queixa-se de que sente inseguro insatisfeito no trabalho. As palavras da mãe permanecem mais válidas do que as provas que sua mulher lhe oferece da conjunção entre o semblante e o falo.

Novas Solteironas: independentes, bem remuneradas e solitárias

Dediquei algum tempo da minha pesquisa à questão da liberação da mulher. Para apreender toda a complexidade dos impasses subjetivos da nova mulher, recomendo a leitura da revista *Cosmopolitan*, que foi editada no Brasil com o nome de *Revista Nova*. Nos anos 70, surge uma nova mulher. Ela teve acesso ao ensino universitário, é uma profissional de nível superior e rivaliza em competência, sucesso profissional e econômico com o homem. Desfruta de uma invejável liberdade sexual, pode escolher seus parceiros sem

obrigar-se a desposá-los. Livrou-se do fantasma da frieza, pois adquiriu mais conhecimento sobre seu corpo e sobre como alcançar o orgasmo. Entretanto, sofre de solidão, desvaloriza-se e não é feliz. Psicanalistas, chamados a interpretar esse fenômeno, asseguram que são mulheres que não sabem “ser elas mesmas”. Deixaram de encarnar o falo?

“Seja você mesma!”, é um imperativo de gozo que veicula uma exigência impossível, porque recusa o inconsciente e a diferença sexual. As vinhetas que se seguem sugerem que as mulheres ainda sonham com um relacionamento estável, romântico e com uma família feliz. Os semblantes de felicidade no amor não parecem ter mudado. Suas queixas incidem sobre a dificuldade de estabelecer parcerias viáveis. Chegam ao analista, angustiadas porque não conseguem compatibilizar seu sucesso profissional com a ansiada realização amorosa. Os parceiros que elas encontram, nunca estão à altura do bem sucedido desempenho profissional que elas próprias encarnam. Muitas vezes, como ganham melhor, cabe-lhes o papel de provedoras do casal. Como isso lhes parece inaceitável, instala-se a versão mais contemporânea do mal-estar na sexualidade feminina.

Júlia tem um cargo público e é muito bem remunerada. Tinha acabado de ter um filho com João e já ia deixá-lo. “Ele ganha pouco, é um grosso, não gosto de transar com ele”. O primeiro marido a deixou quando soube que ela estava enamorada de outro rapaz. Na sucessão de seus ditos, revela que todos os seus parceiros são bem mais jovens e ganham menos do que ela. Muito angustiada com a solidão, dorme, atrasa seus compromissos, gasta muito mais do que ganha, queixa-se do pai que só tem olhos para sua mãe, uma mulher ciumenta e rivalitária, e “sonha com um marido delicado, carinhoso e uma família normal”.

Mariana teve uma infinidade de parceiros até casar-se com o Fábio. Solteirão e independente, mais velho que ela cerca de dez anos é um homem maduro. Queixa-se de que ele trabalha pouco, ganha pouco e espera que ela – ainda por cima – lhe dê um filho. Pergunta-se: “quem vai prover a família? Caberá a mim gerar e gerir?”

Sabrina estava muito triste quando veio me ver. Já foi casada. Cansou-se de sustentar seu marido que se drogava. Depois fez uma análise e há quinze anos se relaciona com um homem casado, que “não lhe dá nada”. “Sou uma puta velha”, acrescenta, “sou muito barata”. Ele não me dá flores, nem qualquer outro presente. “Não frequentamos lugares

públicos, pois não podemos ser vistos juntos”. Demonstro surpresa e comento: “quinze anos, isso não é um casamento?” Foi uma criança infeliz que “chorava sozinha pelos cantos do apartamento” porque seu pai bebia, tinha mulheres na rua e maltratava muito sua mãe. Decepcionada declara que: “Meu apartamento, é o canto que eu mais amo no mundo. Marido p’ra quê? Pr’a namorar as outras”?

O sinthoma: mais além do sintoma e do parceiro-sinthoma

É isso que me permite distinguir na minha clínica o sintoma e a posição sexuada. É também o que me permite articular o semblante de que é preciso encarnar para estabilizar a parceria sintomática. Quando os semblantes vacilam, a clínica psicanalítica nos ensina, é o sintoma que preside a relação à realidade. O resultado prático é que o laço sexual torna-se precário. Quando o sujeito consente ao semblante, é o parceiro-sintoma que orienta a relação com a realidade. O sintoma, seja ele histérico ou obsessivo, eu concluo, é um obstáculo à constituição do parceiro-sintoma. Talvez, por essa razão, seja preciso aprofundar a distinção entre sintoma e sinthoma. Deveríamos escrever sempre o parceiro-sinthoma, para distingui-lo dos sintomas de um sujeito?

Para todo sujeito inscrito pela linguagem na diferença entre os sexos, para além da escolha amorosa e da eleição de um parceiro-sintoma, sempre há um resto. Sobre precisar esse ponto, cito mais uma vez Miller: “Como se exprime Lacan: a relação entre os sexos é muito mais com o grande PHI do que com o parceiro”⁹. É esse ponto, irreduzível às mais criativas versões da relação sexual, que a tragicomédia cotidiana dos sexos revela, entre tapas e beijos, risos e lágrimas, sem poder reduzir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO DOS SANTOS, T. “O psicanalista é um sinthoma”. Em: *Latusa* n° 11. Rio de Janeiro: EBP-RJ, 2006.

⁹ Miller, J.-A. *El partenaire-síntoma*, op. cit, p. 6.

_____ “Lições sobre a queda do objeto a na clínica psicanalítica”. Em: *Latusa* n° 12, *op,cit*, 2007.

_____ “A política do psicanalista: o saber da psicanálise entre ciência e religião”. Em: *Psicologia em Revista* n° 22. Belo Horizonte: editora PUC/Minas, vol. 13, 2007.

_____ “Ciência e clínica psicanalítica: sobre o estruturalismo e as estruturas clínicas”. Em: *Estudos lacanianos* n° 1. Belo Horizonte, vol. 1, julho 2008.

LACAN, J. “A significação do falo” (1958). Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ *Le Séminaire, livre XVI: D’un Autre à l’autre* (1968-1969). Paris: Seuil, 2006.

_____ *Le Séminaire, livre XXIII: Le Sinthome* (1975/ 1976). Paris: Seuil, 2005.

MILLER, J.-A. “Une lecture du Séminaire de Jacques Lacan D’un Autre à l’autre”. Em : *La Cause Freudienne* n° 64. Paris: Navarrin Seuil, 2006.

_____ “À la merci de la contingence”. Em : *Lettre Mensuelle* n° 270. Paris: École de La Cause Freudienne, jul./ago. 2008.